



DOI: <https://doi.org/10.20396/conex.v20i00.8670839>


Artigo Original

## Ginástica para Todos e cultura popular: (re)conhecimento e valorização de manifestações populares

*Gymnastics for all and popular culture:  
(re)cognizing and valuing regional manifestations*

*Gymnasia para todos y cultura popular:  
(re)conociendo y valorizando las manifestaciones regionales*

Priscila Lopes<sup>1</sup> 

Michele Viviene Carbinatto<sup>2</sup> 

### RESUMO

**Objetivo:** analisar o conhecimento sobre cultura e manifestações populares regionais em um grupo de Ginástica para Todos (GPT) vinculado a uma extensão universitária que propôs dialogar com as referidas temáticas quando da composição de uma coreografia. **Metodologia:** aplicaram-se dois questionários com perguntas abertas e fechadas no início e término do semestre, aos 32 integrantes participantes do projeto que foram analisados por tabulação simples e Análise Temática. **Resultados e discussão:** sobre o conhecimento acerca das culturas populares regionais, os integrantes citaram 53 tipos de manifestações no questionário pré-projeto, sendo os locais onde tomaram conhecimento também variados (18). Após participação no projeto, esses números foram maiores: 71 manifestações das culturas populares regionais reconhecidas em 24 locais diferentes (aumento de 33% e 30% respectivamente). Comparativamente, o conceito de cultura popular incorporou questões pessoais, mas também amenizou a sua relação com a baixa condição socioeconômica. **Conclusões:** propostas de GPT podem promover espaços tanto para discussão sobre a diversidade da cultura regional, quanto para o fomento de experiências de produção e recepção (ativa) artística, auxiliando não só na disseminação cultural, mas também no processo de superação e autovalorização pelo caminho do fortalecimento da cultura.

**Palavras-chave:** Ginástica. Cultura. Cultura Popular.

<sup>1</sup> Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, Departamento de Educação Física, Diamantina-MG, Brasil.

<sup>2</sup> Universidade de São Paulo. Escola de Educação Física e Esporte, São Paulo-SP, Brasil.

#### Correspondência:

Priscila Lopes, UFVJM, Rua Imperatriz, 201, Jardim Imperial, Diamantina - MG, CEP 39100-000.  
Email: [priscila.lopes@ufvjm.edu.br](mailto:priscila.lopes@ufvjm.edu.br)



## ABSTRACT

**Objectives:** to analyze the knowledge about culture and popular regional manifestations in a group of Gymnastics for All (GfA) linked to a university extension that proposed to dialogue with these themes when composing a choreography. **Methodology:** two questionnaires with open and closed questions were applied at the beginning and end of the semester, to the 32 members participating in the project, which were analyzed by simple tabulation and Thematic Analysis. **Results and discussion:** regarding knowledge about regional popular cultures, the members mentioned 53 types of manifestations in the pre-project questionnaire, and the places where they learned were also varied (18). After participating in the project, these numbers were higher: 71 manifestations of popular regional cultures recognized in 24 different locations (increase of 33% and 30% respectively). Comparatively, the concept of popular culture incorporated personal issues, but also softened its relationship with low socioeconomic status. **Conclusion:** GfA proposals can promote spaces both for discussion about the diversity of regional culture and for the promotion of experiences of (active) artistic production and reception, helping not only in cultural dissemination, but also in the process of overcoming and self-appreciation through the path of strengthening of culture.

**Keywords:** Gymnastics. Culture. Popular culture.

## RESUMEN

**Objetivo:** analizar los saberes sobre cultura y manifestaciones populares regionales en un grupo de Gimnasia para Todos (GPT) vinculado a una extensión universitaria que se proponía dialogar con estos temas al componer una coreografía. **Metodología:** se aplicaron dos cuestionarios con preguntas abiertas y cerradas al inicio y al final del semestre, a los 32 integrantes participantes del proyecto, los cuales fueron analizados mediante tabulación simple y Análisis Temática. **Resultados y discusión:** en cuanto al conocimiento sobre las culturas populares regionales, los integrantes mencionaron 53 tipos de manifestaciones en el cuestionario del anteproyecto, siendo también variados los lugares donde aprendieron (18). Luego de participar en el proyecto, estos números fueron mayores: 71 manifestaciones de culturas populares regionales reconocidas en 24 localidades diferentes (aumento del 33% y 30% respectivamente). Comparativamente, el concepto de cultura popular incorporó cuestiones personales, pero también suavizó su relación con el nivel socioeconómico bajo. **Conclusión:** las propuestas de GPT pueden promover espacios tanto para la discusión sobre la diversidad de la cultura regional como para la promoción de experiencias de producción y recepción artística (activa), ayudando no solo en la difusión cultural, sino también en el proceso de superación y autovaloración a través del camino de fortalecimiento de la cultura.

**Palabras clave:** Gimnasia. Cultura. Cultura popular.

## INTRODUÇÃO

As práticas corporais vivenciadas em qualquer contexto e período histórico são concebidas pelos costumes, valores e paradigmas que balizam cada sociedade. Não é exagero explicitar que todo movimento esteja embebido por concepções que motivaram e firmaram sua consolidação e expansão entre as pessoas.

Do mergulho livre, ensinado entre gerações no povo de Bajau da Malásia, instigado pela sobrevivência relacionado à pesca nas Filipinas ou seu uso instrumental na cultura de pérolas no Japão, chegamos à sua sistematização como esporte, agora regrado, oficializado e pontuado. De uma ginástica que desafiava e voltava-se ao prazer, para aquela que permitia o combate militar, a moralidade e submissão do corpo como instrumento de trabalho, até – novamente – à sua organização federativo-esportiva. Talvez por isso, em ambas as práticas exemplificadas, parece que sua forma se encaixotou, se amparou em uma concepção econômica do corpo e tornou-se racional. História, memória, lendas e relações com o mundo vida, exterior a eles (BENTO, 2013).

Debruçar no percurso histórico da constituição da ginástica é uma tarefa complexa e, por isso, aludimos neste escrito nas premissas advindas dos Métodos Ginásticos Europeus. Arguidas sob diferentes pontos de vistas, esses métodos tinham como objetivo comum a regeneração da raça, a promoção da saúde e o desenvolvimento da coragem e força para servir a pátria e/ou a indústria, bem como desenvolver a moral (SOARES, 1998).

À ginástica foram incentivados manuais e modelos inspirados na ciência positivista, cuja ordem e forma específica do fazer era explicitado. Consequentemente, a ginástica foi “perdendo, pouco a pouco, suas características artísticas, lúdicas e de globalidade, permanecendo cada vez mais restrita as explicações dadas pela ciência e pela técnica” (AYOUB, 2003, p. 32). De forma geral, houve um “aprisionamento das formas e linguagens das práticas corporais” (SOARES, 1998, p. 20).

Algumas assunções parecem alertar para a retomada de estratégias do fazer gímnico que rememorem seu núcleo-base, ou seja, as motivações iniciais que suscitaram a sua prática. Tradicionalmente, pesquisadores clarificam que o modelo experimental de pesquisar o corpo e o preceito de corpo-máquina, levaram a uma prerrogativa da ginástica como a de retidão de corpos, que instigava a boa conduta, avessa à subjetividade e fluida à análise científica e mecânica do movimento (GÓIS JUNIOR; SOARES; TERRA, 2015; AYOUB, 2003).

Logo, teóricos convocam na Ginástica para Todos (GPT) o contraponto a modelos enrijecidos de se movimentar na ginástica, permitindo sua abertura a modos que acolham história, memória e lutas de povos (TOLEDO; TSUKAMOTO;

CARBINATTO, 2016; BATISTA *et al.*, 2020; ALMEIDA *et al.*, 2021; LOPES, 2021). Dentre os esforços, prerrogativas para repensarmos o corpo que pratica ginástica. Numa perspectiva mais integral do sujeito, o corpo perspectivado como máquina, consumo e massificado dá lugar ao humano, expressivo e histórico (AYOUB, 2003; PATRICIO; CARBINATTO, 2021).

A GPT é uma prática reconhecida na Federação Internacional de Ginástica que abrange a prática de suas modalidades (ginástica artística, rítmica, de trampolim, aeróbica, acrobática e *parkour*), com ou sem o uso de materiais tradicionais de competição, construídos ou adaptados para a ginástica, e se volta ao ensino dos fundamentos biomecânicos e motores básicos, como as aterrissagens, saltos, rotações, deslocamentos, suspensões, apoios e equilíbrios. Na sua constituição, avança no âmbito das interrelações que faz com a dança, arte, teatro, música, jogos e outras práticas corporais. Sobretudo quando da composição de coreografias, aproxima-se, sobremaneira, do contexto em que é aplicada (TOLEDO; TSUKAMOTO; CARBINATTO, 2016). Não obstante, pode (e deve!) apropriar-se da cultura em que está alocada, resignificando, reafirmando ou mesmo apresentando-a aos praticantes, numa premissa de resistência à poderes hegemônicos de ginastizar (ALMEIDA *et al.*, 2021; LOPES, 2021).

Na versatilidade evidente na GPT, nossas reflexões encontram na cultura popular o tema de debate apresentado. Trazendo à tona uma estratégia pedagógica pautada nos pensamentos freirianos, este artigo analisou o entendimento de integrantes do projeto de extensão Grupo de Ginástica de Diamantina (GGD) da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM) sobre o conceito de cultura popular e o conhecimento sobre manifestações populares regionais antes e depois do processo de construção coreográfica de GPT que abordou essa temática.

O projeto GGD iniciou em 2011 e está inserido no Programa de Bolsas de Apoio à Cultura e à Arte (PROCARTE) da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (PROEXC/UFVJM) desde 2013. O programa tem como objetivo o desenvolvimento de estratégias que ampliem o horizonte de contato da comunidade acadêmica com as diversas expressões culturais e artísticas da região de abrangência da UFVJM, fundamentalmente, as do Vale do Jequitinhonha. Entre os principais objetivos, destacam-se: contribuir com a formação dos discentes a partir da interação com as manifestações culturais e artísticas regionais; estimular, por meio do fazer cultural-artístico, a formação de público e a valorização dos espaços dedicados à cultura e às artes; proporcionar e incentivar o respeito às diversas manifestações culturais e artísticas em suas múltiplas funções (UFVJM, 2014).

Aberto à participação da comunidade adulta (acima de 18 anos de idade) de Diamantina/MG e região, cidade sede da UFVJM, a proposta do GGD envolve a realização de encontros semanais para desenvolver habilidades no campo da GPT

atrelada às experiências pessoais dos participantes, tendo como meta principal a produção de composições coreográficas originais. Em consonância com as diretrizes para o desenvolvimento de uma extensão universitária dialógica (FORPROEX, 2012), o objetivo do projeto é a formação humanizadora e emancipatória dos extensionistas por meio da prática gímnica em diálogo com as manifestações artísticas e culturais da região de abrangência da universidade, compreendendo o contexto onde estão inseridas, de forma que a interação entre os saberes científico e popular e as diferentes linguagens seja estimulado.

O acesso para as disposições do desenho metodológico e discussão desse trabalho percorreu uma análise substancial do conceito cultura popular, considerado meritório para usufruir das reflexões expostas.

A cultura pode ser compreendida em duas direções. Os seres humanos criam materiais e modos de viver por meio da composição entre saberes, sensibilidades e sociabilidades (BRANDÃO, 2009). Logo, cultura é aquilo que é e está nos atos, fatos, gestos e feitos, por meio dos quais as pessoas apreendem o mundo natural e o transformam em um mundo humano, configurando a si próprios como sujeitos sociais que criam seus mundos e atribuem a estes – pessoas e mundo – algum sentido. É tanto o objeto criado pelo homem, quanto a forma como utilizá-lo, é o modo como nos comportamos em diferentes situações sociais e rituais, são as manifestações materiais e imateriais pertencentes a sistemas sociais que identificam pessoas de determinado grupo social.

Especificamente no âmbito da cultura popular, Hall (2003) defende que qualquer estudo que se debruce sobre o tema parte das transformações nas relações sociais históricas da humanidade. A cultura das classes trabalhadoras e dos pobres tem sido, continuamente, alvo do capital, que tem interesse na constituição de uma nova ordem social. Nesse movimento, a tradição popular se constitui como um dos principais locais de resistência da busca pela “reforma” do povo (grifo do autor), fato que fez com que a cultura popular fosse associada às questões da tradição e, esse tradicionalismo, equivocadamente, interpretado como algo conservador e obsoleto.

Outros autores apontam as relações de domínio e subordinação como importantes para compreensão sobre a cultura popular (ABIB, 2015; FRANKLIN; AGUIAR, 2018; PAULINO, 2015; SILVA; FALCÃO, 2016). Paulino (2015) entende cultura popular como representações dos modos de vida de segmentos populares carentes economicamente e com pouco acesso a bens culturais universais. São expressões criativas ou formas narrativas próprias que demonstram o cotidiano de sujeitos que, muitas vezes, estão em desvantagem nas relações interdependentes de poder.

No entanto, Ribeiro (2019) levanta a questão sobre a “pureza” (grifo nosso) dos diferentes tipos de culturas trazendo a baila a cultura de massa –

produzida pela indústria cultural para chegar a muitos – e a cultura erudita – pertencente às classes elevadas e que conferiu a categorização hierárquica nas culturas. Para a autora, enquanto território de disputa, cultura popular, de massa e erudita se constroem em um processo contínuo de trocas, no qual se observa uma luta simbólica por delimitações e exclusões.

Há uma nítida oposição estrutural entre modos sociais de participação na cultura, uma relação que coloca os saberes, valores e símbolos de determinado grupo étnico e social dominados no processo histórico, em posição subalterna. Logo, em uma sociedade desigual, a cultura se apresenta como uma ferramenta de dominação entre os seres humanos. Perante o poder simbólico da cultura dominante, as formas de expressões culturais do povo são absorvidas, esvaziadas retraduzidas e invadidas por diferentes artifícios (recursos, canais, propaganda, educação etc.), fazendo com que os agentes culturais populares misturem elementos da própria cultura com porções da cultura dominante que colonizam os espaços populares. Torna-se, portanto, uma cultura dominada e alienada que não expressa sua realidade social (BRANDÃO, 2016).

Contudo, se equivoca quem situa a cultura popular em um lugar de mera passividade, inerte às formas de dominação e expropriação. A luta contra a marginalização, domesticação e civilização das manifestações populares pelos interesses dos produtores de cultura erudita e de massa evidenciam a tradição para além de seus aspectos de conservação de heranças e ancestralidades, mas também como uma forma de resistência (HALL, 2003; RIBEIRO, 2019).

O início da década de 1960 foi marcado por uma proposta de cultura popular inovadora no Brasil. Sob a forma de uma ampla gama de ações culturais, pedagógicas e políticas, a Cultura Popular (com letra maiúscula) pretendeu se apresentar como um corpo de ideias que colocava em questão a desigualdade da sociedade e de suas culturas (BRANDÃO, 2009; 2016). Surge então, a proposta do Movimento de Cultura Popular (MCP), no qual o pensamento de Paulo Freire foi de suma importância. A Cultura Popular passou a ser “a palavra-chave de um aberto e múltiplo projeto político de transformação social a partir das próprias culturas dos trabalhadores e outros atores sociais e populares” (BRANDÃO, 2016, p. 103).

O pensamento freiriano aponta a necessidade de uma ação conscientizada e organizada das classes populares, a partir da qual é possível vislumbrar um projeto de libertação do domínio numa sociedade de classes. O espaço de luta política no âmbito da cultura popular é um fato e a ação a partir da própria cultura consegue levar à liberdade (BRANDÃO, 2016). Não obstante, o projeto de GPT da UFVJM desenvolvido sob o alicerce freiriano pareceu coerente quando da discussão sobre cultura popular e suas inferências nos praticantes de ginástica.

## MÉTODO

Trata-se de uma pesquisa qualitativa e quantitativa (DENZIN; LINCOLN, 2006) do tipo Estudo de caso (CHIZZOTTI, 2010) que se propôs a investigar o caso específico do projeto de extensão GGD desenvolvido em 2019. Ressalta-se que esse texto é um recorte de um projeto original e inédito, desenvolvido em formato de tese de doutorado<sup>3</sup>. Para esse estudo, trazemos um recorte dos dados referentes aos questionários aplicados antes e após o desenvolvimento semestral do projeto.

Os sujeitos da pesquisa compreenderam 32 integrantes do GGD que participaram do início ao fim de uma construção coreográfica de GPT que tinha a cultura popular como tema. Esses sujeitos eram jovens e adultos entre 18 e 31 anos de idade (média 22,12 anos), mulheres (19) e homens (13), membros internos da UFVJM (28) e poucos da comunidade externa (três).

O questionário inicial constituiu de perguntas acerca de informações gerais sobre os integrantes (perfil) e questões destinadas à compreensão do conhecimento sobre cultura popular e a relação pré-existente entre os integrantes e as culturas populares da região de abrangência da universidade, tema geral impulsionador da composição coreográfica. Ao final do projeto, um segundo instrumento foi aplicado, com a repetição de algumas questões presentes no questionário inicial, já que alguns temas haviam sido amplamente discutidos durante o desenvolvimento da produção coreográfica (questões sobre autodeclaração étnico-racial e conhecimentos sobre a cultura popular, por exemplo), o que poderia ter alterado as concepções dos sujeitos após a participação na extensão.

Para análise dos dados referentes às questões fechadas, utilizamos a Tabulação simples (GIL, 2007) e, para as questões abertas, a Análise Temática que segundo Braun e Clarke (2006), se refere a “um método para identificar, analisar e relatar padrões (temas) dentro dos dados. Ela minimamente organiza e descreve o conjunto de dados em (ricos) detalhes” (p. 7). Os padrões de dados foram determinados de forma indutiva, permitindo que os temas/padrões fossem identificados sem o enquadramento em códigos pré-existentes (BRAUN; CLARKE, 2006).

A pesquisa foi submetida e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFVJM (CAAE: 07643519.8.0000.5108), garantindo que todos os procedimentos envolvendo seres humanos atentassem para as normas ético-científicas vigentes,

---

<sup>3</sup> LOPES, Priscila. “A gente abre a mente de uma forma extraordinária”: potencialidades da pedagogia freiriana no desenvolvimento da ginástica para todos. 2020. Tese (Doutorado em Estudos Socioculturais e Comportamentais da Educação Física e Esporte) – Escola de Educação Física e Esporte, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020.

de modo que os sujeitos participassem voluntariamente, firmando o Termo de Consentimento Livre Esclarecido. Para preservar a identidade dos sujeitos, nomes fictícios de origem africana foram dados a cada um dos participantes.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para adentrarmos nos resultados e discussão, é salutar mencionar que a proposta metodológica do GGD para abordar a GPT no referido semestre se pautou nos preceitos freirianos (FREIRE, 1994; 1985), envolvendo as fases de Reconhecimento do grupo, Criação e seleção de conhecimentos corporais, Investigação, Tematização, Problematização, Codificação, Combinação e Aperfeiçoamento. Nesse ínterim, a mediação do grupo propôs a centralidade dos praticantes como pressupostos para a definição do tema e estudos para a escolha dos processos inerentes ao compor coreográfico: pesquisas sobre o tema, figurino, música, movimentos ginásticos, narrativa gestual, etc. (LOPES, 2020).

“Vissungos” foi a temática escolhida pelos integrantes como balizador da composição coreográfica. Manifestação ainda presente em alguns distritos de Diamantina, se referem a cantos laborais e ritualísticos entoados por afrodescendentes como forma de resistência política e social e manutenção da cultura africana<sup>4</sup> (DIAS NETO, 2018; ELTERMANN, 2015).

Os dados relativos à questão “O que você entende por cultura popular?” foram tratados pela Análise Temática (BRAUN; CLARKE, 2006) gerando a elaboração do seguinte mapa temático:

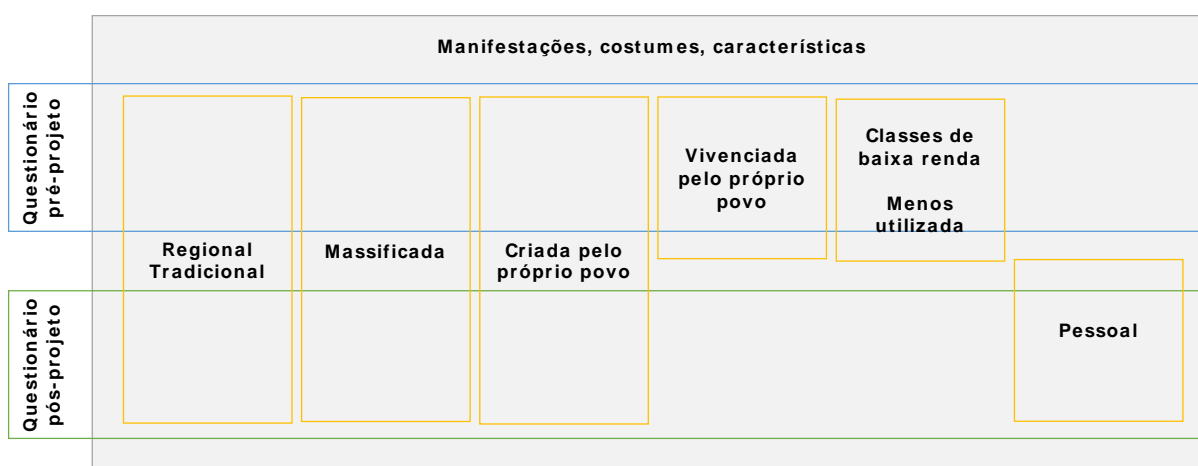


Figura 1 – Compreensão sobre o conceito de cultura popular.

<sup>4</sup> Para acessar informações sobre a composição, acesso o canal [GGD\\_UFVJM](#) do *YOUTUBE*®, mais precisamente os vídeos “[Sobre cantos, prantos e encantos](#): a voz da África nos Vales das Gerais” e [Revisitar](#): Sobre cantos, prantos e encantos: a voz da África nos Vales das Gerais.



Antes e após o projeto, cultura popular foi apresentada pelos integrantes como manifestações, costumes e características que identificam determinada região, sendo o aspecto tradicional mencionado algumas vezes:

Idi: "Características de um povo, que passa de geração a geração e se mantém viva".

Jamala: "Algo identitário de determinada sociedade, local, grupos de cidades".

Observa-se a noção sobre a tradicionalidade como continuidade dos modos de vida, possibilitando reconhecer a diversidade de cultura. No fazer cultura, a tradição identifica um povo, uma vez que os conhecimentos herdados determinam a conservação das práticas. Pode ser considerada uma forma de conservadorismo, em especial, quando se mantêm tradições cristalizadas sem a reflexão sobre as intersecções com a contemporaneidade, mas também pode ser apontada como forma de resistência contra remodelações impostas pela lógica de mercado (BRANDÃO, 2009; 2016; HALL, 2003; RIBEIRO, 2009).

Cultura popular como algo massificado foi citado nos dois questionários:

Mashal: "Aquilo com fácil acesso e que pode ser vivido por todos"

Garai: "Hábito desenvolvido ou conhecido por quase toda a sociedade e sem viés científico".

Rafiki: "São as manifestações que são comuns a maior parte da população".

Os sujeitos indicam a percepção sobre a volatilidade da cultura popular perante as classes dominantes. Vista como mercadoria, a cultura popular é interesse da indústria cultural que, por meio de intervenções tecnológicas, a transforma em bens de consumos transfigurados em produtos da cultura de massa, ferramenta fundamental para o avanço do imperialismo cultural (RIBEIRO, 2019).

O protagonismo na criação da cultura popular foi pontuado em ambos os questionários, porém, apenas no pré-projeto esse aspecto foi mencionado em conjunto com a ideia de vivência das criações pelo próprio povo:

Idihi: "Entende que são manifestações que o povo produz e participa de forma ativa, seja ela dança, música, festa, literatura, folclore, artesanato".

Jasira: "São manifestações vivenciadas pelos próprios criadores moradores locais, uma tradição que é passada por anos".

Por sua vez, o entendimento da cultura popular como algo pessoal, foi mencionado apenas no questionário pós-projeto:

Lisha: "Eu entendo que a cultura popular é a maneira de se expressar de cada pessoa, com danças, crenças e manifestações

passadas de geração em geração”.

Latifa: “[...] vivências, histórias, acontecimentos de um povo, comunidade, de pessoa”.

O fazer cultura é inerente ao ser humano, no entanto, por muito tempo se propagou a ideia de que cultura era produzida apenas pelas classes letradas. Foi a partir da cultura erudita que a noção de cultura popular foi estabelecida, em um processo de reconhecimento de que havia saberes diferentes dos hegemônicos, saberes supostamente originais, autênticos, tradicionais, exóticos, do campo, do povo (BRANDÃO, 2009; HALL, 2003; RIBEIRO, 2019).

Porém, no sistema de classificação hierárquica, é presumida a concepção de que a cultura erudita se destina às classes superiores, aqueles que têm condições de assimilar e usufruir produções criadas por sujeitos com conhecimentos “superiores”, tal qual é compreensiva a suposição de que a cultura popular é de fácil apreensão, atende às demandas das classes populares e é feita pelo e para o povo.

Percebe-se tais aspectos nas produções culturais do Vale do Jequitinhonha, região que possui uma grande riqueza artística e cultural, mas que, por vezes, ainda é vista com o preconceito de um lugar onde apenas mazelas se fazem presentes (LOPES; NOBRE; NIQUINI, 2019).

Aspirar uma ginástica que abarque a cultura popular é, pois, atuar no que Sousa e Vago (1997) indicam como o de não produzir uma ginástica para corpos esculturais, mas na construção de corpos culturais. Acoplada com os estudos do lazer, a ginástica pode trilhar trajetórias para uma efetiva participação cultural, entendida como “a atividade não conformista, mas crítica e criativa de sujeitos historicamente situados” (MARCELLINO, 1990, p. 45).

Outrossim, percebe-se uma ideia de cultura popular não influenciada, produzida na e para comunidade. Tal aspecto é criticado pela literatura, pois além das relações de poder inerentes ao debate sobre culturas (BRANDÃO, 2009; 2016; HALL, 2003; PAULINO, 2015; RIBEIRO, 2019), dificilmente uma cultura consegue se manter intacta perante uma sociedade em que as trocas econômicas, sociais e culturais são inegáveis (RIBEIRO, 2019).

Por fim, a relação da cultura popular com o aspecto da baixa condição socioeconômica foi mencionada somente no questionário pré-projeto:

Razina: “Seria a cultura do povo, mais precisamente uma cultura menos utilizada, composta por classes de mais baixa renda”.

O aspecto socioeconômico é o que dá origem à noção do popular nessa

classificação de cultura, pois são as experiências vivenciadas pela classe trabalhadora que caracterizam as produções da cultura popular (DALGLISH, 2015; GUERRERO, 2010; LEAL; PEREIRA, 2015; LIMA, 2015; MARQUES, 2000; MATTOS, 2007; NASCIMENTO, 2009; RAMALHO; DOULA, 2009; SERVILHA, 2015). Ademais, esse fator pontua o interesse das classes sociais mais abastadas em intervir nos modos de vidas dos mais pobres para benefício próprio (BRANDÃO, 2009; HALL, 2003; RIBEIRO, 2019).

O fato de os integrantes não correlacionarem a cultura popular com as baixas condições socioeconômicas pode ter relação com uma maior valorização da cultura popular por si só. É possível que essa dissociação tenha ocorrido pelo fato dos integrantes do GGD passarem a se reconhecer como produtores de cultura após a participação no projeto, uma vez que a coreografia criada pautada em um tema da cultura popular regional pode ser considerada uma manifestação cultural. Logo, passam a se compreenderem como atores da cultura popular.

O Grupo de GPT do Programa de dança, atividades circenses e ginástica (PRODAGIN), criado em 2018 e vinculado a Universidade Federal do Amazonas, revela que suas coreografias têm prescrito temáticas das manifestações culturais, sobretudo como forma de empoderar os discentes sobre a identidade cultural da região. Inaugura suas composições com inspiração no Festival de Parintins e, segue refletindo sobre o caboclo amazônico na segunda proposta. Nessa, Corrêa *et al.* (2020) detalham os enlaces entre a cultura ribeirinha e os movimentos da ginástica. A cuia, canoa e remo mediaram os movimentos: aterrissagens, rotações, lançamentos, recepções, expressividade e teatralidade voltaram-se a conexão de uma ginástica que incorporou o saber local ao instituído historicamente pela prática.

Sobre o conhecimento acerca das culturas populares do Vale do Jequitinhonha, os integrantes citaram 53 tipos de manifestações no questionário pré-projeto, sendo os locais onde tomaram conhecimento também variados (18). Após participação no projeto, esses números foram maiores: 71 manifestações das culturas populares do Vale do Jequitinhonha reconhecidas em 24 locais diferentes (aumento de 33% e 30% respectivamente).

Gráficos de nuvem de palavras<sup>5</sup> foram utilizados para ilustrar o achado:

---

<sup>5</sup> Recurso digital que mostra o grau de frequência com que as palavras foram citadas em um texto (palavras mencionadas mais vezes aparecem em tamanho maior; aquelas com menor frequência, em tamanho menor).



Figura 2 – Conhecimento sobre as culturas populares do Vale do Jequitinhonha.

“Artesanatos” foi a manifestação mais mencionada ( $n=7$ ; 13,2%) no primeiro questionário, mas vale ressaltar que ainda citaram “Artesanato de barro” ( $n=1$ ; 1,8%), “Artesãos” ( $n=2$ ; 3,7%) e “Cerâmicas” ( $n=3$ ; 5,6%).

É possível que esse resultado tenha sido influenciado pela coreografia produzida pelo GGD no ano anterior, 2018, que abordou a produção de cerâmica do Vale do Jequitinhonha envolvendo pesquisas e visitas técnicas, o que permitiu um maior conhecimento dos integrantes da época, alguns presentes nessa edição do projeto (LOPES; NIQUINI, 2021).

A cidade de Diamantina foi indicada como a principal promotora do conhecimento sobre as manifestações das culturas populares do Vale do Jequitinhonha (n=9; 50%), seguida da cidade natal dos integrantes (n=5; 27,7%) e do próprio GGD (n=4; 22,2%).

No questionário pós-projeto, os integrantes mencionaram "Festa do Rosário" com maior frequência (n=20; 28,1%). O artesanato continuou sendo um destaque, mas de forma mais variada ("Artesanatos" – n=6; 8,4% e "artesanato com barro"; "Artesanato com sempre-viva"; "Cerâmica de barro"; "Cerâmica de Itamarandiba"; "Cerâmica de Lira Marques"; "Cerâmica de Turmalina"; "Cerâmica do Vale"; todos com uma indicação (1,4%).

Outros dados interessantes se sobressaíram. O próprio grupo, o GGD, apareceu como uma manifestação da cultura popular regional (11%). Também mencionaram nomes próprios de artistas e grupos artísticos do Vale do Jequitinhonha, tais como Lira Marques, Mestre Antônio, Coral Araras Grandes, Coral Cênico da UFVJM, Grupo INCENA, Nino Aras, Rubinho do Vale, dentre outros, fato com menor ocorrência no questionário pré-projeto.

Estudos sobre as obras originárias dessa região evidenciam a estreita relação que os produtores de arte e cultura estabelecem entre suas criações e seu cotidiano (DALGLISH, 2015; GUERRERO, 2010; LEAL; PEREIRA, 2015; LIMA, 2015; MARQUES, 2000; MATTOS, 2007; NASCIMENTO, 2009; RAMALHO; DOULA, 2009; SERVILHA, 2015). As figuras de roceiros, canoeiros, boiadeiros, tropeiros, tecedeiras, lavadeiras, dentre outros atores, são comumente referenciadas em canções e histórias populares, assim como também é evidenciado a consciência sobre a precariedade das condições de existência no Vale (MARQUES, 2000). As experiências de vida são materializadas nas produções de tal forma que, mais que obras decorativas ou ilustrativas do sistema cultural regional, podem ser consideradas verdadeiros documentos, assim como tantos outros que simbolizam a situação da região (MATTOS, 2007).

No Vale do Jequitinhonha, a Comissão de Desenvolvimento regional, criada em 1964, intensificou a divulgação da região pelos meios de comunicação, difundindo a ideia de um vale de misérias que precisavam ser superadas, construídas com o propósito de atrair votos. Isso levou a disseminação de uma representação de atraso e miséria, atribuindo à região marcas históricas por meio da repetição de imagens da seca, de notícias da fome e de índices de pobreza (SERVILHA, 2015).

Artistas e militantes socioculturais que organizaram coletivamente para a desconstrução dos estigmas sofridos historicamente e a associação exclusivamente com a pobreza, possibilitando um novo olhar para o Vale do Jequitinhonha. Por meio de novos fatos, ideias e imagens, buscavam auto reconhecimento e qualificações valorativas com a intenção de mostrar "outros Vales":

O Vale do potencial agrícola familiar, o Vale da religiosidade e das culturas populares, o Vale da cultura afro-brasileira, o Vale da cultura indígena, o Vale das folias de reis, do congado, da viola, das benzedadeiras e rezadeiras, dos canoieiros, da oralidade, do "sentimento de comunidade", dos cantos de domínio público, das lavadeiras, dos boiadeiros, dos mutirões, das festas nas ruas, da viola, do artesanato (SERVILHA, 2015, p. 145).

Desse movimento, surgiram diversas ações, dentre as quais se destacam o trabalho de educação popular por meio da música realizado por Frei Chico e Lira Marques com o coral de música e religiosidade populares Trovadores do Vale (1968), o jornal Geraes na promoção de uma ideia indissociável entre cultura e política como uma articulação político-identitária regional (1978), o Festival de Cultura Popular do Vale do Jequitinhonha (1980) ativo até hoje oferecendo oficinas, seminários, concursos e debates com o intuito de contribuir para a formação de agentes, produtores e artistas da região (FECAJE, 2020; RAMALHO; DOULA, 2009; SERVILHA, 2015).

Nossos dados indicam que "FESTIVALE", inicialmente citado apenas uma vez (1,4%), foi mencionado cinco vezes no questionário pós-projeto (7%) no item manifestações da cultura popular. Também teve destaque no questionário pós-projeto como importante local para o conhecimento sobre as manifestações (n=10; 41%). Esse resultado pode ter sido influenciado pela participação do GGD no festival, no qual a composição coreográfica criada em 2019 foi apresentada pela primeira vez.

Ainda que admirável ao aproximar a ginástica de um tema da cultura popular, os "Vissungos", tema principal da coreografia construída, foi citado, apenas, seis vezes pelos participantes da pesquisa (8,4%). Supostamente, citar "Vissungos" poderia ser óbvio para os discentes, uma vez que foi demasiadamente refletido no semestre. Por sua vez, pode indicar – ainda – um distanciamento dos discentes com a referida manifestação.

Sobre a forma de conhecimento acerca das manifestações das culturas populares do Vale do Jequitinhonha, o GGD se destacou como principal promotor no questionário pós-projeto (n=19; 79%). Vale ressaltar também a menção à UFVJM (n=11; 45,8%), pois o projeto faz parte das atividades da instituição, além de outras atividades institucionais ("Disciplinas da UFVJM" e "Grupo Aranha da UFVJM", ambos com n=1; 4,1%).

Para Martins (2012, p. 159), o (re)conhecimento do povo do Vale do Jequitinhonha sobre sua região em todos os seus aspectos (história, lendas, mitos, valores, riquezas e potencialidade) fomenta o progresso local, pois quem conhece, gosta, quem gosta, defende, quem defende, divulga, e quem divulga, ajuda a desenvolver. O Jequitinhonha é o "Vale de um povo que aprendeu a fazer da arte o retrato vivo das suas lutas e esperanças".

Nossos dados apontam na necessidade de superarmos a valorização das manifestações de ginásticas codificadas, e corroboramos com Fátima e Ugaya (2016, p. 149) quando alertam que elementos cênicos, dança, circo, música devem ser inseridos com criticidade na GPT e, ainda

Se pensarmos que somos produtores e produto de determinada cultura, é condição inerente estarmos a todo o momento sendo construídos e reconstruídos, construindo e reconstruindo a sociedade. Assim, a ação pedagógica dentro de um trabalho com a GPT pode estar em constante mudança e, aquilo que está obsoleto pode ser superado através da ampliação de conceitos e ideias e da construção de novos saberes.

A pluralidade cultural brasileira e as inúmeras possibilidades de prática que a GPT suscita parecem frutíferos para que a modalidade se aproxime dos argumentos da pedagogia decolonial e, portanto, que valorizam a cultura popular. Aquele pensar, instiga movimentos de resistência, quando alude ao movimentar ginástico que aponta um posicionamento crítico e político; a interculturalidade, quando revela contextos de vida pessoal, social e identitário dos praticantes e da contra hegemonia, quando ressignifica códigos, normas e reconhece memórias. Revela-se ainda, na centralidade do praticante no processo, uma vez que compatibiliza com preceitos da Pedagogia Freiriana, proposta que enaltece os conhecimentos da cultura popular quando de qualquer processo de ensino e aprendizagem (ALMEIDA *et al.*, 2021; LOPES, 2021).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora a cultura popular esteja sob constante influência e exposta à dominação, ela não pode ser pensada como uma “ilha isolada e imune às transformações da contemporaneidade” (RIBEIRO, 2019, p. 112). Se os modos de vida nas comunidades não são estáticos, são vívidas também as manifestações das culturas por elas produzidas, articulando tradição e modernidade no fluxo contínuo de renovação, fator condizente com a evolução histórica da humanidade.

A GPT pode ser um caminho para que o conhecimento sobre manifestações das culturas populares se configure como uma maneira de (re)conhecer uma região em sua totalidade, de forma que aspectos puramente quantitativos (dados demográficos, ambientais, educacionais, de saúde, dentre outros) sejam superados como únicos representativos dos lugares e seus sujeitos (LOPES; NOBRE; NIQUINI, 2019; MARTINS, 2012).

Apesar de considerável conhecimento sobre cultura popular e locais para sua manifestação, os integrantes do GGD ampliaram aquela compreensão com notável valorização dos personagens/artistas que impulsionam esse saber.

Logo, acreditamos que o projeto GGD tem cumprido os objetivos propostos

pelo PROCARTE ao possibilitar a aproximação dos extensionistas com as manifestações artísticas e culturais das regiões de abrangência da universidade (UFVJM, 2014). Nesse quesito, a UFVJM tem se mostrado de suma importância, uma vez que promove espaços tanto para a discussão sobre a diversidade cultural do Vale do Jequitinhonha, quanto para o fomento de experiências de produção e recepção (ativa) artística, auxiliando não só na disseminação cultural, mas também no processo de superação e autovalorização pelo caminho do fortalecimento da cultura (LEAL, 2016).

Da mesma forma, consideramos que o processo educativo desenvolvido no GGD atingiu os objetivos a que se propõem. Por meio de ações e reflexões durante o fazer gímnico, é possível que a (re)construção de sentidos e significados sobre o contexto cultural abordado tenha ocorrido, evidenciando transformações sociais nos sujeitos, princípio essencial em propostas formativas que se pretendem humanizadoras e emancipatórias (FREIRE, 1994; 1985).

Reafirmamos a relevância de ações extensionistas que promovam a interação dialógica por meio do estabelecimento de relações entre a instituição e setores sociais a partir do diálogo e troca de saberes. Fundamentadas por metodologias que estimulem a participação e democratização do conhecimento pela participação efetiva e ativa de todos os envolvidos, a extensão deve promover uma atuação transformadora voltada para os interesses e necessidades da população, contribuindo para o desenvolvimento social e regional, incluindo a universidade pública como parte da sociedade que precisa ser impactada e transformada, fato que imprime a esse eixo da universidade um caráter essencialmente político (FORPROEX, 2012).

Por tal, vislumbramos que esse trabalho possa instigar, inspirar e suscitar práticas de ginástica que dissolvam o seu fazer da retidão codificada, esportivizada e descontextualizada da vida pessoal e social daquele que a prática.

## **FINANCIAMENTOS**

Este estudo foi realizado com o projeto de extensão GGD em 2019, que teve apoio financeiro do Programa de Bolsas de Apoio à Cultura e Arte (PROCARTE) da UFVJM.

## **NOTAS**

### **CONFLITOS DE INTERESSE**

Os autores não têm conflitos de interesse, incluindo interesses financeiros específicos e relacionamentos e afiliações relevantes ao tema ou materiais discutidos no manuscrito.



## AUTORIA E COAUTORIA

Os autores declaram que participaram de forma significativa na construção e formação desde estudo, tendo, enquanto autor, responsabilidade pública pelo conteúdo deste, pois, contribuíram diretamente para o conteúdo intelectual deste trabalho e satisfazem as exigências de autoria.

*Priscila Lopes 1* – Concepção e desenvolvimento (desde a ideia para a investigação ou artigo, criou a hipótese); Desenho metodológico (planejamento dos métodos para gerar os resultados); Coleta e tratamento dos dados (responsável pelos experimentos, pacientes, organização dos dados); Análise / interpretação (responsável pela análise estatística, avaliação e apresentação dos resultados); Levantamento da literatura (participou da pesquisa bibliográfica e levantamento de artigos); Redação (responsável por escrever uma parte substantiva do manuscrito).

*Michele Viviane Carbinatto* - Desenho metodológico (planejamento dos métodos para gerar os resultados); manuscrito); Supervisão (responsável pela organização e execução do projeto e da escrita do Revisão crítica (responsável pela revisão do conteúdo intelectual do manuscrito antes da apresentação final).

## REFERÊNCIAS

ABIBI, Pedro Rodolpho Jungers. Cultura popular e contemporaneidade. *Patrimônio e Memória*, São Paulo, v. 11, n. 2, p. 102-122, 2015. Disponível em: <https://pem.assis.unesp.br/index.php/pem/article/view/476>. Acesso em: 10 ago. 2022.

ALMEIDA, Camila das Mercês Duarte; MOTA, Kaio César Celli; NASCIMENTO, Iracema Santos; CARBINATTO, Michele Viviene. Pensamento pedagógico decolonial e a ginástica: diálogos iniciais. *Coleção Pesquisa em Educação Física*, Várzea Paulista, v. 20, n. 4, p. 85-92, 2021.

AYOUB, Eliana. *Ginástica geral e educação física escolar*. Campinas: UNICAMP, 2003.

BARBOUR, Rosaline. *Grupos focais*. Tradução: Marcelo Figueiredo Duarte. Porto Alegre: Artmed, 2009.

BATISTA, Mellina Souza; LOPES, Priscila; PATRÍCIO, Tamires Lima; HENRIQUE, Nayana Ribeiro; FURTADO, Lorena Nabete dos Reis; CARBINATTO, Michele Viviene. Ginástica para todos: questões sobre uma experiência de aprendizagem crítica. *Corpoconsciência*, v. 24, n. 1, p. 194-204, 2020. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/corpoconsciencia/article/view/9824>. Acesso em: 10 ago. 2022.

BENTO, Jorge Olímpio. *Desporto discurso e substância*. Belo Horizonte: Instituto Casa da Educação Física, UNICAMP – Centro de Estudos Avançados – Coleção CEAv Esporte, v. 2, 2013.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Método Paulo Freire. In: STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (Orgs.). *Dicionário Paulo Freire*. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016. p. 263-264.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Vocação de criar: anotações sobre a cultura e as culturas*

populares. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, v. 39, n. 138, p. 715-746, 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0100-15742009000300003>. Acesso em: 10 ago. 2022.

BRAUN, Virginia; CLARKE, Victoria. Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology*, v. 3, n. 2, p. 77-101, 2006. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1191/1478088706qp063oa>. Acesso em: 10 ago. 2022.

CHIZZOTTI, Antonio. *Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

CORRÊA, Lionela da Silva; VERDE, Evandro Jorge Souza Ribeiro Cabo; SILVA, Enoly Cristine Frazão; HENRIQUE, Nayana Ribeiro. Identidade cultural e ginástica para todos: uma experiência amazônica. In: CARBINATTO, Michele Viviene; EHRENBERG, Mônica Caldas. (Org.). *Festival ginástico e isolamento social: retratos de um evento on-line*. Bagai: Curitiba, 2020, p. 117-131.

DALGLISH, Lalada. Tradição e Identidade na Cerâmica Popular do Vale do Jequitinhonha. *Arte e Crítica, Jornal da ABCA*, n. 33, p. 1-11, 2015. Disponível em: <http://www.f2mvirtual.com.br/abca/n33/12lalada.html>. Acesso em: 5 jul. 2022.

DENZIN, Norman Kent; LINCOLN, Yvonna Sessions. Introdução: a disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In: DENZIN, Norman Kent; LINCOLN, Yvonna Sessions. (Org.). *O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*. Porto Alegre: Artmed, 2006. p. 15-41.

DIAS NETO, Jose. Vivências e resistências quilombolas contemporâneas: notas sobre a identidade e a territorialidade da comunidade Quartel do Indaiá em Diamantina/MG. *Revista Idealogando*, v. 2, n. 1, p. 5-17, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/idealogando/article/view/230696/NETO>. Acesso em: 10 ago. 2022.


ELTERMANN, Ana Claudia Fabre. O canto dos Vissungos: tradição e resistência. *Work. Pap. Linguíst.* v. 16, n. 2, p. 124-138, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.5007/1984-8420.2015v16n2p124>. Acesso em: 10 ago. 2022.

FÁTIMA, Conceição Vianna; UGAYA, Andressa de Souza. Ginástica para todos e pluralidade cultural: movimentos para criar novos pensamentos. In: OLIVEIRA, Michelle Ferreira; TOLEDO, Eliana. (Org.). *Ginástica para Todos: possibilidades de formação e intervenção*. UEG: Anápolis, 2016, p. 141-154.

FECAJE – FEDERAÇÃO DAS ENTIDADES CULTURAIS E ARTÍSTICAS DO VALE DO JEQUITINHONHA. *FESTIVALE*. 2020. Disponível em: <https://www.fecaje.org.br/festivale>. Acesso em: 20 jan. 2020.

FORPROEX – Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Instituições de Educação Superior Públicas Brasileiras. *Política Nacional de Extensão Universitária*. Manaus, 2012.

FRANKLIN, Ruben Maciel; AGUIAR, Antonio Sérgio Pontes. Cultura popular, um conceito em construção: da tradição dos românticos e folcloristas à emergência política dos estudos culturais. *História e Cultura*, Franca, v. 7, n. 1, p. 238-257, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.18223/hiscult.v7i1.2156>. Acesso em: 10 ago. 2022.

FREIRE, Paulo. *Extensão ou comunicação?* 8. ed. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 1985. 

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 23. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

GIL, Antonio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

GÓIS JUNIOR, Edivaldo; SOARES, Carmen Lúcia; TERRA, Vinícius Dermarchi Silva. Corpo-máquina: diálogos entre discursos científicos e a ginástica. *Movimento*, v. 21, n. 4, p. 973-984, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.52754>. Acesso em: 10 ago. 2022.

GUERRERO, Patrícia. "Canoa não é força, é opinião": O Vale do Jequitinhonha contado e cantado por canoairos. *Revista Antropológicas*, v. 21, n. 2, p. 305-328, 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaantropologicas/article/view/23720/19375>. Acesso em: 10 ago. 2022.

HALL, Stuart. *Da diáspora: identidade e mediações culturais*. Tradução: Adelaine La Guardia Resende et al. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

LEAL, Juliana Helena Gomes; PEREIRA, Kênia Aparecida. O Jequitinhonha nos versos de Gonzaga Medeiros. *Revista Científica Vozes dos Vales – UFVJM*, n. 8, p. 1-20, 2010/2015.

LEAL, Juliana Helena Gomes. Performance art: criação e reflexão teórico-crítica no contexto universitário. *Aletria*, v. 26, n. 1, p. 87-106, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.17851/2317-2096.26.1.87-106>. Acesso em: 10 ago. 2022.

LIMA, Camila da Costa. Tradições, técnicas e estilos na produção cerâmica do Vale do Jequitinhonha. *Revista Digital Art&*, n. 16, p. 1-7, 2015.

LOPES, Priscila; NIQUINI, Claudia Mara. Do barro à arte: experiências de diálogo entre a extensão universitária e a cultura popular. *Revista de Educação, Ciência e Cultura*, v. 26, n. 1, p. 1-19, 2021. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.18316/recc.v26i1.7512>. Acesso em:

LOPES, Priscila; NOBRE, Juliana Nobre Pontes; NIQUINI, Claudia Mara. Cultura Popular do Vale do Jequitinhonha: a compreensão dos formandos em Educação Física da UFVJM. *Revista Científica Vozes dos Vales – UFVJM*, n. 16, p. 1-24, 2019. Disponível em: <http://site.ufvjm.edu.br/revistamultidisciplinar/files/2019/10/Priscila.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2022.

LOPES, Priscila. *A gente abre a mente de uma forma extraordinária: potencialidades da pedagogia freiriana no desenvolvimento da ginástica para todos*. 2020. 286 f. Tese (Doutorado) – Escola de Educação Física e Esporte, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. *Pedagogia da animação*. Campinas: Papirus, 1990.

MARQUES, Reinaldo. Entre o global e o local: cultura popular do Vale do Jequitinhonha e reciclagens culturais. *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, n. 5, p. 125-140, 2000.

MATTOS, Sônia Missagia. Mãos criadoras de vida: ceramistas do Vale do Jequitinhonha. *Habitus*, v. 5, n. 1, p. 187-207, 2007. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.18224/hab.v5.1.2007.187-207>. Acesso em: 10 ago. 2022.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio da pesquisa social. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza; GOMES, Romeu (Org.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 31. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

NASCIMENTO, Elaine Cordeiro. Vale do Jequitinhonha: Entre a carência social e a riqueza cultural. *Revista de Artes e Humanidades*, n. 4, p. 1-15, 2009.

PATRICIO, Tamires Lima; CARBINATTO, Michele Viviene. Merleau-Ponty e ginástica para

todos: repensando paradigmas na educação física/esporte. *Conexões*, v. 19, p. e021025, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.20396/conex.v19i1.8661275>. Acesso em: 10 ago. 2022.

PAULINO, Thiago. Culturas populares: trajetórias conceituais e construções de sentido. *Revista Ambivalências*, v. 3, n. 6, p. 255-278, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.21665/2318-3888.v3n6p255-278>. Acesso em: 10 ago. 2022.

RAMALHO, Juliana Pereira; DOULA, Sheila Maria. O Jequitinhonha nas páginas do jornal Geraes: cultura e territorialidade. *Revista de Artes e Humanidades*, n. 4, p. 1-20, 2009.

RIBEIRO, Rita. Cultura popular: uma revisitação conceptual. In: MARTINS, Moisés de Lemos; MACEDO, Isabel (Ed.). *Políticas da língua, da comunicação e da cultura no espaço lusófono*. Braga: Húmus, 2019, p. 105-115. Disponível em: <https://hdl.handle.net/1822/63087>. Acesso em: 10 ago. 2022.

SERVILHA, Matheus de Moraes. *Quem precisa de região?: o espaço (divido) em disputa*. Rio de Janeiro: Consequência, 2015.

SILVA, Renata de Lima; FALCÃO, José Luiz Ciqueira. Cultura popular: seus contornos, desdobramentos e materializações. *Rascunhos*, v. 3, n. 2, p. 7-20, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.14393/issn2358-3703.v3n2a2016-02>. Acesso em: 10 ago. 2022.

SOARES, Carmem Lúcia. *Imagens da educação no corpo*. Campinas: Autores Associados, 1998.

SOUSA, Eustáquia Salvadora de; VAGO, Tarcísio Mauro. O ensino de educação física em face da nova LDB. In: COLÉGIO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE (Org.). *Educação física escolar frente à LDB e aos PCNs: profissionais analisam renovações, modismos e interesses*. Ijuí: Sedigraf, 1997.

TOLEDO, Eliana; TSUKAMOTO, Mariana Harumi Cruz; CARBINATTO, Michele Viviene. Fundamentos da ginástica para todos. In: NUNOMURA, Myrian (Org.). *Fundamentos da ginástica*. 2. ed. Várzea Paulista, SP: Fontoura, 2016.

UFVJM – UNIVERSIDADE FEDERAL DOS VALES DO JEQUITINHONHA E MUCURI. *Regulamento do Programa de Bolsas de Apoio à Cultura e à Arte da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da UFMJM*. Diamantina 2014.

Recebido em: 26 ago. 2022  
Aprovado em: 17 nov. 2022

---

Artigo submetido ao sistema de similaridade Turnitin®.

A revista **Conexões** utiliza a [Licença Internacional Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by-sa/4.0/), preservando assim, a integridade dos artigos em ambiente de acesso aberto.

---

*A Revista Conexões é integrante do Portal de Periódicos Eletrônicos da Unicamp e associado/membro das seguintes instituições:*

